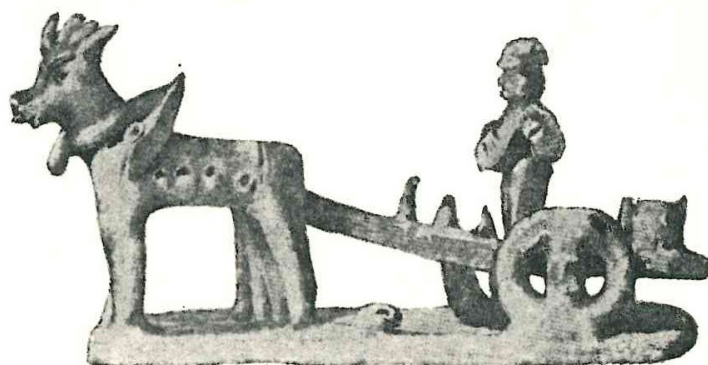


CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
MUSEU DE OLARIA

FIGURADO DE BARCELOS

A produção actual

EXPOSIÇÃO



De 1 a 29 de Setembro
no Pavilhão Gimnodesportivo (Parque da Cidade)
BARCELOS
1984



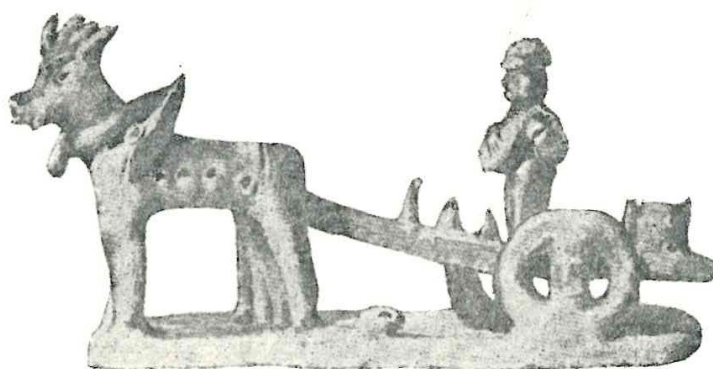
(469.12)(083.81)

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
MUSEU DE OLARIA

FIGURADO DE BARCELOS

A produção actual

EXPOSIÇÃO



MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59925 *Recebeu.*

Barceliana

De 1 a 29 de Setembro
no Pavilhão Gimnodesportivo (Parque da Cidade)

BARCELOS
1984

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

EXPOSIÇÃO DE BARCELONA

EXPOSICIONES

Apoio Técnico

Instituto Português do Património Cultural (Depart. de Etnologia)
Assembleia Distrital de Braga (Museu dos Biscaínhos)
Parque Nacional da Peneda-Gerês

FICHA TÉCNICA

Planificação e Coordenação

Eugénio Lapa Carneiro

Isabel Maria Fernandes

Recolha

Maria da Graça Freitas

Maria de Fátima Esteves

Maria de Fátima Pinto da Silva

Fotografia

Jorge Barros

Montagem

Jorge Curado (Encenação)

Miguel Adolfo Araújo Fernandes (Carpintaria)

José Magalhães Gomes (Carpintaria)

Manuel José Lima de Araújo (Pintura)

Agostinho Francisco Vieira (Pintura)

Catálogo

Arminda Pascoal Coutinho

Fundo Musical

Manuel Marinho de Macedo Correia

José Gomes Campinho

Composto e impresso nas Of. Gráfs. da Companhia Editora do Minho — Barcelos.
Na composição: João da Silva Dias Pimenta. Na paginação: Manuel Carvalho Ferreira e Vasco O. Sá Ruivo. Na impressão: Manuel Figueiredo Mendes e Manuel Durães. Na brochura: António Rodrigues da Silva. Gravuras de Simão Guimarães, Filhos, L.da — Porto

1500 ex. — Setembro de 1984

DAS FEIRAS PARA ARTESANATO AO FIGURADO DE BARCELOS

JOSÉ MARIA CABRAL FERREIRA

Aqui temos mais uma exposição e uma feira de artesanato popular, dizem.

E nós aproximamo-nos com o cuidado de quem, nos últimos anos, tem saboreado muito rara e saborosa lebre, passe a expressão, entre tantas ofertas de gato. Na febre que por aí vai, de culto ao património, não há festa ou discurso que lhe não faça referência; o artesanato é servido logo a seguir, com o aplauso e o apoio de todos os convivas. Pela sua — dele — salvação juram etnógrafos e sociólogos, autarcas e secretários de estado, agentes de emprego e de turismo, pelouros da cultura junto aos da indústria, economistas públicos e atentos empresários, dos mais privados sectores: um fenómeno. E duas perguntas ficam no ar: que faz correr tanta gente? com que proveito para o objecto de tal cuidado?

Impossível fugir ao lugar-comum quando se aborda a resposta; pois crise e cultura são termos obrigatórios, já que esses são, sem dúvida, os lugares exactos onde a questão se há-de colocar e donde devem tomar raiz e forma as soluções.



Da crise tudo nos fala: os jornais, a conta no banco, a ligeira dor de cabeça, a persistente adolescência que os filhos em nós revelam, uma secreta saudade, o que resta de esperança, uma constante decisão a tomar.

Ou a adiar. Chegados, porém, a este ponto, muitas léguas navegadas para Sul e entrados na zona das tormentas, não é mais possível ignorar a presença indefinível, o medo tremendo e fascinante:

para a frente se há-de ir, ou então definitivamente regressar, dizendo adeus ao mar, quedos, à espera que a história dos outros nos venha visitar e definir. Adiar é isso.

Mas se todas as alegrias se parecem, as crises, como os desgostos, são sempre inconfundíveis e inéditas: não admitem procuradores bastantes e só se vencem pela invenção dum novo caminho e dum homem novo que o percorra.

Por isso a crise de agora não tem por nome Adamastor nem estamos sós e suficientes às portas dum novo continente. Mudámos de rumo, e alvíssaras, que algo fizemos por isso. Mas o que a descoberta desse caminho perdido para o Norte vem exigindo ou provocando é o desembarque prévio no país e sua história, em busca da identidade, como agora se diz. Destreinados como estávamos de inventar, a crise divide as opiniões e as atitudes: para uns o preço inevitável duma aventura digna; para outros o agitar escandaloso duma causa que dizem perdida (com duvidosa sinceridade); para muitos um alvo-roto, é o que é: permite visar o alvo dos mais vários pontos de mira ou dele tirar os mais diversos proveitos, sem cuidar muito de equilíbrios, morais, sociais ou ecológicos, que sejam.

Assim da crise, e é o primeiro andamento. Mas ela vai intervir também no segundo, que tem por mote a cultura, com a qual a crise se conjuga, para juntas arbitrarem uma rota semeada de riscos e enigmas, exigindo instrumentos apropriados: crise cultural. Num instante se diz.

Mais lento é o saber e o ter na devida conta as várias culturas com que se guisa a nossa crise e os difíceis jogos a que dá lugar o encontro (crítico) e o choque, desses universos e grupos, dispersos, mas presentes, neste pequeno espaço que de tanto parecer sempre o mesmo, em oito séculos, chega a esquecer ou disfarçar as matrizes e os restos que subsistem activos, de raças, de tempos, de lugares tão diversos.

Não é uma simples questão de cultura e incultura, de ricos e de pobres, de centros cultos e periferias incultas, querela de quantidades mal distribuídas, repertórios e grupos mal administrados, com uns tocando piano e falando francês e outros sem tempo nem letras para tais requintes. Não é isso. Ou melhor: também disso se trata mas é muito mais do que isso. É a persistência duma ruralidade semeada de focos urbanos; é uma agricultura milenária sentada muito modestamente na cozinha dumas indústrias de prosápias informáticas; é um tecido social tradicional refeito e ponteadado

com linhas, modelos e formas (com culturas, afinal) colhidas e aglutinadas em África, por uns, na Europa cisalpina, por outros, no litoral mais ou menos modernizado, por tantos.

Convém por isso não ser simplista e valia a pena estudar e investigar a natureza e processo de tais alquimias, que bem sabidas e melhor governadas até podem desencadear insuspeitadas forças criativas. Será aqui que o artesanato faz o seu regresso ao conceito iniciado sob seus auspícios?

Pois seja. Nele se exemplifica, com clareza, como a crise é cultural, e também por aqui se enceta a resposta às perguntas que há pouco levantámos: que faz correr tanta gente atrás destas artes tradicionais? e com que proveito?

Para saber da crise, nesta área, é preciso subir lentamente, atentamente, das festas, feiras e lojas, até aos centros de produção, até esse mundo interior donde nos chega o produto duns homens e duma cultura que hoje vivem, precisamente, essa situação crítica em que a produção, o comércio, a aprendizagem perderam para sempre um determinado equilíbrio secular, nascidos e definidos num tempo e num espaço totalmente transformados, ou pelo menos transformados: que produzir e como? como vender e onde? quem continua e quem lhe ensina?

É nesta situação desintegrada que aparecem, de muitas origens e com intuitos os mais diversos, os técnicos, os estudiosos, os artistas, os comerciantes, os curiosos. Cada um traz o seu quinhão de conjecturas, a sua receita técnica, o seu subsídio, a sua proposta.

Falta, porém, estudo. Da real situação das artes e dos artistas, não sabemos quase nada. Alguns locais, alguns casos, sim, foram objecto de investigações parcelares; mas análises completas e rigorosas dos ciclos, desde a recolha da matéria-prima até à venda na loja fina do Estoril, análise centrada no sujeito desse saber e dessa aventura, isso não há (Rocha Peixoto referia, há noventa anos, a comercialização como «uma descaróavel espoliação» ou «uma monstruosa iniquidade, se esta mercancia, como todas, na moral vigente, não fosse um comércio honrado»: será muito diferente hoje? com rigor nada sabemos).

Faltando isto, falta um olhar que abarque o conjunto, falta uma política (não basta legislar sobre o assunto) falta uma acção que salve um homem e umas formas culturais no trânsito dum mundo para outro, e não apenas tal ou qual elemento desgarrado dum sistema que perdeu as suas bases.

Sem essa visão integradora, não pouco se há-de temer que o intuito generoso, mas disperso, muito mais não faça do que aquilo que tem feito (e algo é): recolher os restos materiais, arquivar os nomes e processos, honrar os destinos da última geração de artistas populares rurais. Na melhor das hipóteses. Porque outras incursões há, alegremente praticadas, que não visam, a bem dizer, o proveito dos artistas, mas o das pequenas cortes que democraticamente se repartem o saldo de tais ingerências, pago em títulos variados, consoante o gosto de cada um e o tesouro onde repousa o coração («vender-vos-ei nesta feira / mentiras vinte e três mil / todas de nova maneira / cada hũu tão subtil / que não viais em canseira; / mentiras para senhores / mentiras para senhoras / mentiras para os amores / mentiras que a todas as horas / vos nasçam delas favores» — Gil Vicente).



Depois do que atrás ficou, entremos por esta galeria e quem dera pudéssemos conversar com estes mil bonecos, deles saber se são aquilo que deles dizemos, deles ouvirmos quem somos ou ao menos como eles nos vêem.

Mas as trombetas dos músicos e as vozes dos anjos nas alturas calam, suspensas, às portas da revelação. E nós temos de seguir, aventando com as próprias luzes, a leitura destas prodigiosas escrituras.

O lugar, primeiro: duas pequenas freguesias (Galegos-Santa Maria e Galegos-São Martinho) talhadas no limitado espaço onde, por séculos se fabricou a «louça de Prado», prosseguem com enorme pujança esse milenar jogo do homem, do barro e da roda.

Depois, o modo: Rocha Peixoto dizia, em 1899, que «as actuais olarias de Prado representam, esteticamente, uma civilização proto-histórica, bem enlaçada, sobretudo, a alguns aspectos que nos exhibe a arte de várias estações da Idade do Cobre». E quanto ao oleiro via-o «pobríssimo, rude, exilado e espoliado, a existência [...] dá-lhe travos de martírio e apenas, em lampejos breves, a mágoa se dilui tenuemente nas romagens».

Aqui começam a operar as astúcias da história quando verificamos que esses desgraçados agentes duma tardia Idade do Bronze, em vias — dizia-se — de extinção, continuam vivos e sãos, com os parentes na França e nas Américas, e eles por cá, alternando, não muito infelizes, ao que parece, as tarefas do vinho verde e da fun-

ção pública, com os múltiplos cuidados da louça, para fazer os bonecos de sempre.

E aí desponta outro enigma.

A forma. As formas: que seguem sendo as mesmas, aqui e além disfarçadas sob o manto engenhoso duma esperteza que condimentada com a saborosa e oportuna conversa de algum barrista mais sagaz, chega a induzir tal ou qual incauto da cidade a vislumbrar por ali o cintilar duma nova estética. Mas não: limitadas no número, as formas continuam herdeiras genuínas dum passado onde as coisas se integravam na harmonia agreste e precária da ruralidade.

De uma grande tradição se há-de, assim, falar, e menos, quer-nos parecer, duma pletórica e esfusiente criatividade popular. Limitados eram os horizontes, muitas as servidões, e difícil sair da norma, que muito mais arraigada está nos corações, que nos letrados do regedor ou nas bulas da Santa Cruzada. Por isso inovar não chega nunca sem ajudas de fora. Os bonecos de cada época o dizem, com muita timidez mas transbordantes da ternura que sobre eles o nosso olhar entorna: é o rasgar atônito das terras pelo comboio; é o pasmo sorrateiro ante os velocípedes, nome de pernaltas e vaidade dos sportsmen do virar do século; é o ciclo do automóvel, o fulgor do avião, e chegados já aos nossos dias, tudo o que a televisão deposita em nossas casas, no preciso instante em que publicamente acontece nascer, amar, matar ou morrer. E depois?

Depois os artistas continuam a sua tarefa de modelar a vida em barro: a vida que foi, antiga e rural.

Do virgiliano fadário humano, repartido por três tempos («pascua, rura, duces» — «os verdes prados, os trabalhos e os dias, os pastores de povos e de guerras»), os bonecos plasmam apenas o geórgico labor, no espaço duma paróquia cristã. Daí a presidência do campanário, com o senhor galaró avisando do alto, por sobre uma profusão de homens e bichos, o repartir do tempo em dias, tarefas, estações e festas. No meio é que está a vida (que não a virtude) organizada numa crónica de pranto e regozijo em que lavradeiras e jornaleiros, casais e criados, pais e filhos, contracenam com bêbados e pedintes, músicos, pastores e reis.

Não é que a cidade esteja ausente; mas de visita apenas, entre o pasmo e a desconfiança por tanta grandeza e fartura, como que a adivinhar nos doutores — de letras, leis ou medicina — os herdeiros duma cadeia inextinguível de procuradores de tão poucos dons e tão largas cobranças.

Gente assim amassada com barros vários de origem, cozidos sabe Deus por que purgatórios, não deixa calar na arte as fomes que a vida não matou: de pão, de prata, de nome, de prestígio, de alguma doçura também. Serão esses os ingredientes dos negros tormentos de monos e fantasmas que escarnecem ou exorcizam os nossos terrores?

Às vezes, porém, uma estrela detém seus passos sobre um barraco, à saída da vila, e quem poderá contar o encanto de tal destino? Vê-lo-emos partilhar o pão e o vinho e morrer, também ele, atormentado. Porque me abandonaste?

Ainda mal sai do adro a humana procissão.

Nós, por agora, a deixamos seguir.

E ficamos a pensar quanto vai ela durar. Será que a pervivência desta produção se mede pela sobrevivência duma ruralidade em extinção e duma nostalgia conjuntural que dela tenham outras gentes, outras comunidades que não as dos artistas de Galegos?

Porque é um facto que os bonecos e brinquedos se não destinam já às comunidades a que pertencem os seus autores: respondem a outras expectativas e muito longe e ao largo buscam seus destinatários. Que esperam eles? Para que lhes servem os bonecos?

Apenas nos surgem conjecturas: o mero prazer de olhar? o conhecimento dos homens e seu penar? o regresso ao passado, à pátria da imutável segurança? coleccionar apenas, e sempre mais? ou decifrar algum segredo que apenas a raros é dado decifrar?

Que secreto filtro, em suma, é o que prende as nossas vidas de agora ao tempo desses bonecos anacrónicos?

Será que uns estão condicionados a não sobreviver à efémera passagem das modas que governam outros, ou haverá algo mais que a nós nos falta e fugazmente se nos oferece nesta frágil teoria de figuras?

Talvez por aqui convenha arriscar alguns modestos passos. Pensamos em crianças e nos brinquedos que delas foram, e que hoje com tanta ternura compramos, como adultos, de visita à própria infância. Será isto? O paraíso perdido, com o homem no meio da república de todas as coisas, presidindo ao seu concerto e repousando ao sétimo dia?

Isso será, talvez. Mas um paraíso oculto nas dobras duma terra irremediavelmente marcada pela história, dividida entre natura e cultura, entre oferta e procura, entre o verso gratuito e o poema angustiosamente construído. Pelo caminho muito se move, até par-

celas do melhor que somos e que não tinham por que ser sacrificadas em aras de fátuas divindades. Cabe, por isso, perguntar avisadamente a quem goste de bonecos, de bichos e de homens, que equilíbrios regem esta produção e por quanto tempo. Se os artistas perderem todo o seu prazer, a troco apenas de algumas moedas, e as moedas dos turistas não comprarem mais que um título de propriedade e de prestígio e não um pouco desse amor re-criativo, muito havemos de temer que em Barcelos se abra definitivamente a falência do tempo que foi, sem que isso declare a graça do tempo que vem.

Caberá deixar ao livre jogo da oferta e da procura equacionar este prodígio, esperando que ele se mantenha por obra e graça do espírito de inércia?

Não haverá nada a fazer?

Parece bem ser que há. O primeiro está até já feito, ou melhor começado, e com que amor e arte, com quanto e tão raro saber, como aqueles que se patenteiam nas recolhas e estudos já levados a cabo, precisamente, pela instituição e pessoas que esta exposição promovem.

Tudo isso, porém, se pode perder (e quem quer calar os riscos já corridos e as perdas já sofridas?) com o que resta da arte e dos artistas, se não houver quem tire as consequências de algumas premissas já provadas.

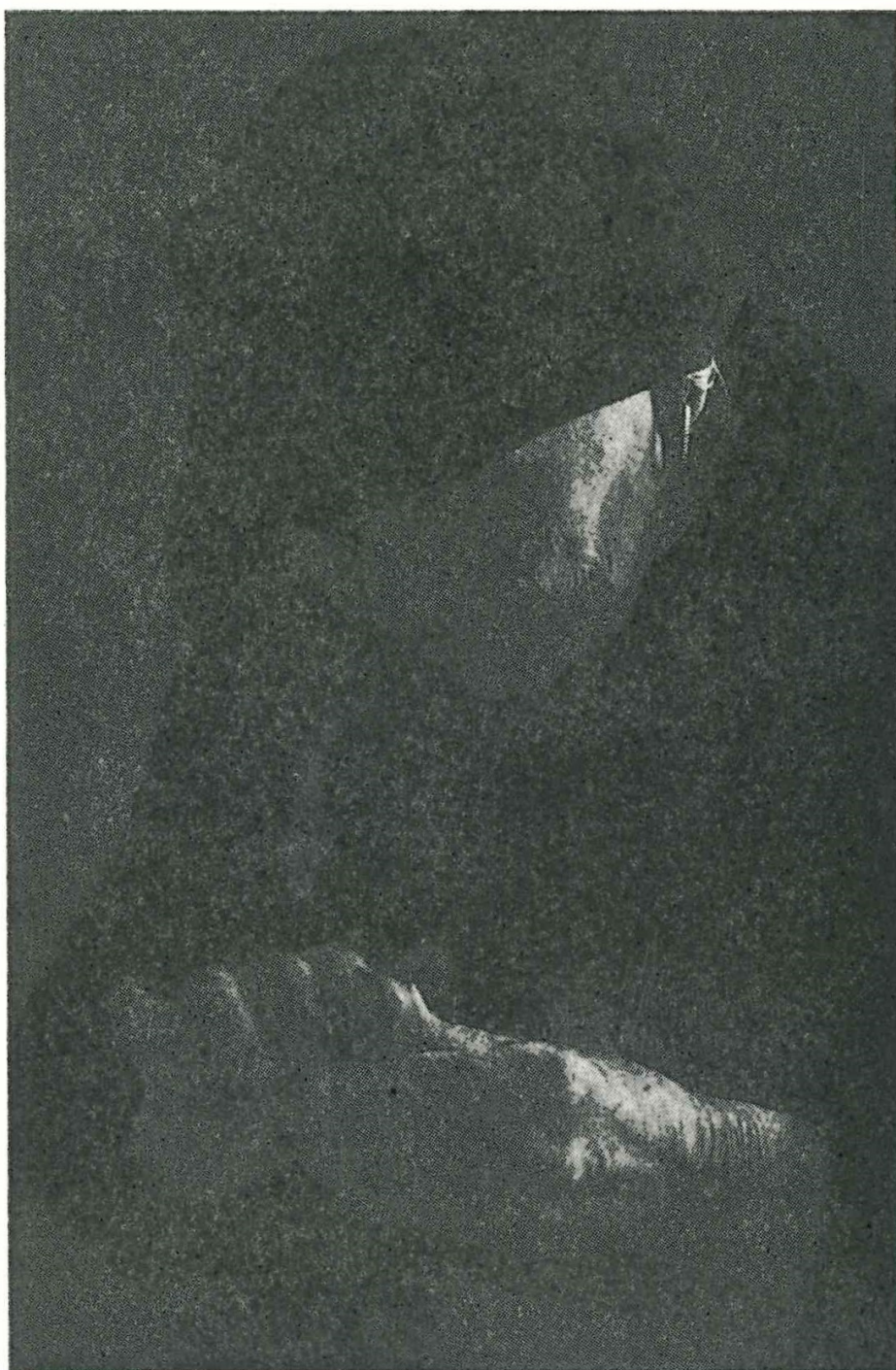
Uma grande tradição não se mantém pela mera repetição: ela é filha da história e amante fecunda do presente. Isso em arte, qualquer que ela seja — de viver, de amar, de produzir — tem um nome e chama-se criação. Propiciar ou renovar as suas sedes, sem as quebras periódicas dos humores mecenáticos nem cobrança do complementar imposto que todo o paternalismo costuma suavemente exigir, eis o que urge promover.

Quem?

Se calhar não poderá ser senão Barcelos. Pois quem há-de ser profeta do seu futuro senão aqueles que lhe habitam o presente?

23/VIII/1984

BARRISTAS



*ANA BARAÇA — Ana Gonçalves Valada, ou Ana Lopes Gonçalves
Lugar de Santo Amaro
Santa Maria de Galegos
Barcelos*

Nasceu em Santa Maria de Galegos, a 26 de Maio de 1904, sendo filha de Manuel Gonçalves Valada e de Luísa Lopes, fabricantes de louça grossa vidrada (alguidares, infusas, canecas) e de miudage de roda (pratos, tigelas, loucinha de brincar). Casou a 28 de Maio de 1935. Trabalham com ela um dos filhos, a nora e três netos, respectivamente: Fernando (40 anos), Olívia (44 anos), Carlos (15 anos), Vítor Manuel (13 anos) e Moisés (11 anos).

Começa a fazer bonecos — uns galinhos — por volta dos sete anos. Depois andou a servir na lavoura aí até aos dezasseis-dezassete, facto que considera determinante da sua propensão para escolher os motivos das suas composições nas fainas agrícolas: «se eu não fosse servir para aprender o trabalho da lavoura, eu também não fazia estas coisas». Voltou ao figurado. Queria ganhar dinheiro, que os pais não lhe «davam roupa nem...». O pai vidrava-lhe os bonecos juntamente com a louça grossa. «Eu ainda me lembro de estar em Barcelos, assim, à frente da louça. A minha mãe vendia louça grossa e eu vendia desta macacage (...). Vendia-se isto a 10 réis». Já depois de casada, botando a vista e vendo o que se vendia melhor, dedicou-se durante cinco anos à produção de galos, que pintava com a ajuda de um prego, por um processo de que ciosamente guardava segredo. As asas pareciam «os tapetes [de flores] do Senhor da Cruz, pelas Cruzes». Eram galos tirados a molde. Problemas de saúde, derivados de um parto, obrigaram-na a abandonar o fabrico: «fiquei desarranjada, nunca mais pude apertar os moldes». E retoma de novo a modelação de bonecos. Andou desde pequenina pelas feiras: Lamego, Matosinhos, Rio Tinto. «Desde que deixei de ouvir nunca mais tornei» — há 33 anos. «Quem não ouve só fala às avessas».



*MARIA SINETA — Maria de Jesus Fernandes Coelho, ou Maria de
Jesus Fernandes*

*Lugar de Souto de Oleiros
Santa Maria de Galegos
Barcelos*

Nasceu em S. Martinho de Galegos, Barcelos, a 6 de Abril de 1915. Seus pais — Manuel Lopes Fernandes, jornaleiro, e Júlia Duarte Coelho, costureira — faziam figurado aos serões. Casa-se a 13 de Fevereiro de 1935 com António Faria da Rocha, filho do Domingos Coto, desse casamento resultando um rancho de nove filhos. A seu lado, na oficina, duas filhas — Ernestina (27 anos) e Maria do Céu (22 anos) — modelando, aparelhando, pintando, e o marido, tirando à roda rouxinóis, cucos, mealheiros, cabaços para galos.

Em casa, assiste aos serões desde pequerrechica. Fazia-se galos, pitas, gaitas, clarins, porquinhos — tudo à mão. Ainda não teria oito anos quando se inicia na produção de bonecos. Aos doze vai servir na lavoura e aos quinze principia a trabalhar com formas (moldes), primeiro por conta de outra mulher, e depois por conta própria. Produzia bailarinas, ciganas, bustos de homens célebres, Repúblicas, santos — coisas naquele estilo abonecado próprio da época. Por volta de 1935, o sogro cria o primeiro galo de roda. Maria Sineta, pouco depois do casamento, começou também a fazer galos. Galos era o que fabricava antes de as filhas casarem. «Ia por essas feiras todas» — e é longa a enumeração das feiras e romarias que frequentava como vendedora. No Porto vendia pelas ruas, «a rogar, com a louça à cabeça». Ia lá pelo menos uma vez por mês. Das suas andanças tem muito que contar. Grandes caminhadas. Carregada. Quando chegava a Barcelos, «ai como a gente ia, com o pescoço metido mesmo entre os ombros». Uma vez esteve para morrer afogada no barco da Graça. «Era um tempo muito ruim.» Com menos de dezasseis anos o filho Manuel foge para Espanha. Cá, ganhava «2 mil réis por dia, de sol a sol». Trabalha em Orense, numa fábrica de porcelana. «Os anos passam num instante, se a gente não estiver a contar. Se a gente estiver a contar, então demoram muito.»



MISTÉRIO — Domingos Gonçalves Lima
Lugar de Santo Amaro
Santa Maria de Galegos
Barcelos

Filho de Luísa Gonçalves Lima, nasceu em S. Martinho de Galegos, Barcelos, a 29 de Agosto de 1921. A 4 de Março de 1944 casa-se com Virgínia Coelho Esteves, de quem teve doze filhos, quatro dos quais — Dolores (28 anos), Deolinda (25 anos), Manuel (23 anos) e Francisco (20 anos) — trabalham na sua oficina, as raparigas coadjuvando a mãe na pintura dos bonecos, e os rapazes, o pai na modelação.

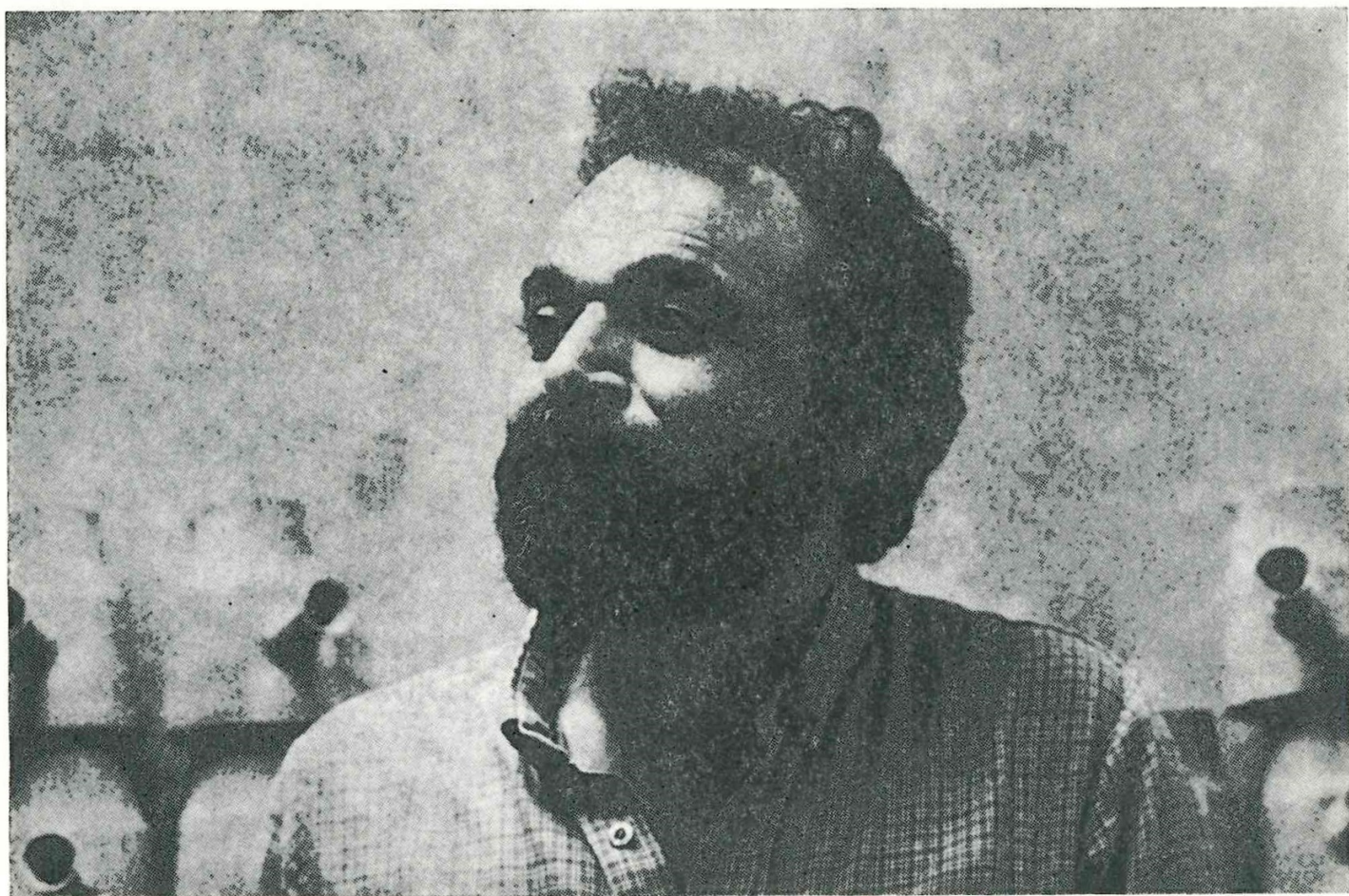
Criado pela avó materna — Rosa Gonçalves Lima, — foi com ela que aprendeu a fazer figurado, coisas simples, mas coisas para vender, numa actualização do ditado que diz que trabalho de menino é pouco mas quem o despreza é louco. Durante anos andou pelas feiras vendendo louça. Primeiro, como empregado: «Ia para Lisboa para essas feiras de ano. E davam um fato de cotim naquela altura. Andava por lá três-quatro meses (...) e chegava cá já com o fato todo roto». Depois, por conta própria: «Ali para Viana levava umas peças que eu fazia, e realmente eram as peças que eu mais depressa vendia.» «Como já tinha bastantes filhos», empregou-se numa fábrica. «Naquela altura aquilo era um caso sério. Assinava folhas de vinte e nove e seiscentos por dia — não é? — e só recebia dezasseis mil e quatrocentos. Era um roubo, não era?» Entretanto, como mantinha em funcionamento a sua oficina, começou a ser procurado por pessoas de fora que o encorajavam a deixar a fábrica. O que veio a fazer. Depois do 25 de Abril esteve «um bocado desanimado». A clientela habitual andava, pelos vistos, distraída: «aquilo ali um ano, eu tinha para aí tudo cheio de bonecos, e não se vendia. E a despesa da casa era certa, não é?» «Mas depois melhorou, vá lá! Até hoje.» Para terminar: Queixa-se de que aparecem no mercado peças de que não é autor, e que todavia trazem o seu nome.



JÚLIA COTA — Júlia da Rocha Fernandes de Sousa
Lugar da Lagoa
Manhente
Barcelos

Nasceu em Santa Maria de Galegos, Barcelos, a 26 de Dezembro de 1935. Filha dos louceiros Eduardo Fernandes de Sousa, o Percina, e Rosa Faria da Rocha, a Rosa Cota, e neta do louceiro João Domingos da Rocha, o Mingos Coto, — pertence de facto a uma dinastia de barristas. Casa-se a 28 de Setembro de 1957, e tem hoje sete filhos, dos quais só dois — Maria dos Prazeres (22 anos) e João Baptista (20 anos) — eventualmente lhe dão alguma colaboração. A irmã Preciosa (56 anos) e o cunhado António de Sousa Pedro (60 anos) colaboram de modo mais efectivo.

Atribui-se a Domingos Coto († 2-5-1959) o primeiro galo de roda. Rosa Cota († 30-1-1983) tornou-se conhecida pelos seus gigantones, bois e pombais. Júlia começou a trabalhar quando andava na «doutrina»: espalmava sapatas para as figuras que a mãe fazia. Durante muito tempo, porém, limitou-se a pintar bonecos, tendo inclusivamente trabalhado para uma fábrica, onde ia buscar e levar a louça que pintava em casa. «Depois o meu pai começou assim a fazer umas peças à roda». E a Júlia, quando não tinha louça para pintar, ajudava a mãe a aparelhar (concluir a modelação, colocando braços, pernas, olhos, instrumentos musicais, adereços diversos) as figuras saídas da roda. Em solteira, vendeu louça por muitas feiras: «Coimbra, Buçaco, Chaves, para o lado de Lamego, para o S. Gens». Gosta de falar da mãe: «Lá nisso não era preguiçosa. Qualquer bocadinho, até à noite. O meu pai (...) ia até à venda, e a minha mãezinha agarrava num pouquinho de barro, no fim de comer (...), punha-se ali fora, de noite, escuro, e ela enchia ali uma tábua desses tais assobios. De noite, sem luz nem nada.» «Tirou-nos bem a laminha de entre as unhas»; «às vezes sinto-me triste só por via disso, por umas ter o nome tão grande e as outras não ter».



ARLINDO TERRA FAGUNDES (Olaria Ágata)
Lugar do Portelo
Prado (Santa Maria)
Vila Verde

Nasceu em Ovar, a 3 de Julho de 1945, sendo filho de Arlindo Mendes Fagundes e de Maria Aurora da Silva Terra. Matricula-se na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que abandona sem ter concluído o segundo ano. Aí frequentou uma cadeira de cerâmica, demasiado teórica. Em França, tirou um Curso de Realização de Cinema. Maria da Glória Faria Fernandes, a aparelhar, e o sr. Miranda, de S. Vicente de Areias, a tirar cabaços à roda, são os seus actuais colaboradores.

Trabalhou em França, como intérprete, num serviço oficial. Regressa a Portugal depois do 25 de Abril, e, em regime de colaboração, trabalha então para a RTP, fazendo «quatro filmezinhas». Teve problemas de emprego, e em 1976 experimenta a cerâmica. Em 1971-72, uns cunhados seus — Nuno Barreto e Aníbal Estrada — haviam montado em Prado uma oficina, a Olaria Ágata, e foi nessa oficina parada que fez as experiências. Instalou um novo forno, manteve o nome antigo, e deu vida nova àquele espaço. «Com quem aprendi mais foi com as pessoas daqui» — com o Domingos Hilário, da Lama — «um rapaz muito meu amigão», — e com o pai dele, por exemplo. Na oficina trabalharam o Hilário, depois o Manel Zé, de Oliveira, e ainda António Simão Bastos Nunes. Além da prática, os livros. «Dá para aprender toda a vida e morrer ignorante». «Também comecei assim naquela onda da peça única, e depois, claro, dei com os burrinhos na água». Para uma exposição que tinha a ver com o automóvel, criou um automobilista e a senhora dele: «toda a gente queria aquilo». Foi o pontapé de saída para a «linha» actual. As encomendas impõem as suas regras; o vagar é pouco para criar bonecos novos: «Eu gostava muito de passar a outros, e sempre que há oportunidade vou fazendo».

AT Fagundes, pode, à primeira vista, parecer um tanto deslocado nesta exposição. Por um lado, trabalha dentro dos limites do concelho de Vila Verde... A tal respeito, lembra-se que já Rocha Peixoto, em 1899, verificava que os oleiros de Barcelos, Vila Verde e Braga «constituem uma grande corporação solidária na tradição formal e decorativa» e «na técnica», o que equivale a dizer que têm de ser conjuntamente considerados e estudados. Por outro, as figuras de AT Fagundes não são «populares»... Aqui, sendo certo que os bonecos de Fagundes se inserem de facto na «tradição formal» dos bonecos de Barcelos, plenamente se justifica a sua inclusão na exposição, sendo até lícito admitir que do confronto que se estabelece se torna patente a possibilidade de rumos consequentes para a indústria cerâmica local.



*JÚLIA RAMALHO — Maria Júlia Oliveira Mota
Lugar da Gandarinha
S. Martinho de Galegos
Barcelos*

Filha de José Gonçalves da Mota e de Rosa Oliveira Maia, nasceu em S. Martinho de Galegos, a 3 de Maio de 1946. Casa-se a 2 de Setembro de 1967, vindo a enviuvar alguns anos depois e a casar-se novamente. Dos dois casamentos teve seis filhos, um dos quais — uma menina — morreu num acidente (12-11-1983). Nenhum mostra vontade de se dedicar ao ofício. Decidido a continuar a estudar, diz um deles que quer é «arranjar um emprego sem ser sujar-se no barro». O pai era ceramista (estatuetas moldadas), mas da Júlia sobretudo se deve ter presente que é neta de Rosa Ramalha († 24-9-1977).

«Aprendi a mexer no barro de pequenina». «Com dez anos, eu comecei a trabalhar aquelas primeiras peças, mas com dez anos não há criança nenhuma que assuma, e diga assim: *Estou a trabalhar, já sou livre!*» Inicia-se à sombra tutelar da avó. Lembra os estudantes das Belas-Artes que frequentavam a oficina da Rosa, «que conviveram mais comigo»: «o António Quadros, o António Bronze, uma Clara, uma Luísa Brandão, uma Flávia, um Luciano, que era da Madeira, um Amândio, o Armando Alves, o Zé Rodrigues, mais novo». Alguns, como o Bronze, visitam-na ainda hoje. A Júlia fala, e percebe-se que não é fácil ser neta da Rosa Ramalha, ter trabalhado com ela e, no que tange ao ofício, ser «livre». Um acidente de automóvel, em Novembro de 1983, marcou-a de modo indelével. Mas resiste, e está aí para surpreender e registar no barro flagrantes sérios do nosso quotidiano, sem esquecer as tradicionais visões oníricas e fantasmagóricas. Um pormenor: A Rosa, antes de Galegos se ter tornado numa espécie de local de romagem, era «a Ramalha». A mãe da Rosa tinha sido «a Ramalha Velha». Depois... foi o que se pode ver, e a Júlia assina «Júlia Ramalho». Os senhores da cidade, de uma ou outra forma, sempre acabam por impor os seus padrões. Em certos casos, é pena, não é?

CATÁLOGO

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

VIDA QUOTIDIANA

1 **Mulher a cozer pão**

Pintado

Alt. 178 mm

Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA

2 **Jardineira**

Pintado

Alt. 168 mm

Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA

3 **Mulher a passar a ferro**

Pintado

Alt. 162 mm

Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*

4 **Dobadoura ou fiadeira**

Pintado

Alt. 197 mm

Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*

5 **Mulher a fiar**

Pintado

Alt. 183 mm

Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA

6 **Mulher de alguidar**

Pintado

Alt. 129 mm

Maria Sineta: Maria Ernestina Fernandes da Rocha / Marca:
MARIA SINETA

- 7 **Homem de alguidar**
Pintado
Alt. 135 mm
Maria Sineta: Maria Ernestina Fernandes da Rocha / Marca: *MARÍA SINETA*
- 8 **Berço**
Pintado
Alt. 88 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 9 **Cadeirinha com menina sentada**
Pintado
Alt. 162 mm
Sem marca
- 10 **Mulher com ânfora à cabeça**
Pintado
Alt. 132 mm
Sem marca
- 11 **Médico**
Vidrado
Alt. 135 mm
Júlia Ramalho / Marca: *JULIA RAMALHO*
- 12 **Dentista**
Vidrado
Alt. 147 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J. R. 1984*
- 13 **Dentista**
Pintado
Alt. 193 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO, FILHO*
- 14 **Operação**
Pintado
Alt. 193 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTERIO. FILHO*
- 15 **Parto**
Vidrado
Alt. 183 mm
Júlia Ramalho / Marca: *JULIA RAMALHO 1984*

- 16 **Enfermeira**
Pintado
Alt. 178 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 17 **Fotógrafo**
Pintado
Comp. 375 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 18 **Ferreiro**
Pintado
Alt. 196 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 19 **Sapateiro**
Pintado
Alt. 173 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 20 **Guarda-soleiro**
Pintado
Alt. 201 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 21 **Aloque ou esmagadoiro**
Pintado
Comp. 286 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 22 **Aloque**
Vidrado
Comp. 288 mm
Júlia Ramalho / Marca: *JULIA RAMALHO 1984*
- 23 **Homem a fazer louça**
Pintado
Alt. 181 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 24 **Oleiro**
Sem cobertura
Alt. 234 mm
Júlia Cota / Marca: *J. C.*

- 25 **Malhada ou malhadeiras**
Pintado
Alt. 189 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 26 **Relador**
Pintado
Alt. 196 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 27 **Prensa**
Pintado
Diâm. 234 mm
Ana Baraça: Carlos Nogueira Gonçalves / Marca: *ANA BARAÇA*
- 28 **Espigueiro**
Pintado
Alt. 218 mm
Ana Baraça: Carlos Nogueira Gonçalves / Marca: *ANA BARAÇA*
- 29 **Ramada, vindima ou vindimada**
Pintado
Comp. 317 mm
Ana Baraça: Carlos Nogueira Gonçalves / Marca: *ANA BARAÇA*
- 30 **Matança**
Pintado
Alt. 233 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 31 **Matança**
Pintado
Alt. 244 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 32 **Matança**
Pintado
Alt. 179 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 33 **Galinheiro**
Pintado
Alt. 187 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 34 **Caçador**
Pintado
Alt. 210 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*

- 35 **Camponesa**
Pintado
Alt. 187 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 36 **Camponesa**
Pintado
Alt. 188 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 37 **Camponesa**
Pintado
Alt. 172 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 38 **Camponês**
Pintado
Alt. 186 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 39 **Camponês**
Pintado
Alt. 188 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 40 **Camponês**
Pintado
Alt. 184 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 41 **Carro de bois**
Vidrado
Comp. 301 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 42 **Carro de bois**
Pintado
Comp. 250 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*

- 43 **Carro de bois**
Pintado
Comp. 238 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 44 **Carro de bois**
Pintado
Comp. 231 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 45 **Carro de bois**
Pintado
Comp. 335 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 46 **Carro de bois**
Pintado
Comp. 368 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 47 **Ciclista**
Pintado
Alt. 181 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 48 **Mulinha com menina a cavalo**
Pintado
Alt. 142 mm
Sem marca
- 49 **Mesa de jogadores**
Pintado
Alt. 137 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 50 **Homem do pipo**
Pintado
Alt. 208 mm
Maria Sineta: Maria do Céu Fernandes da Rocha / Marca:
M. SINETA
- 51 **Adega de bêbedos**
Pintado
Alt. 148 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*

52 **Cagão da Pousa**
Pintado
Alt. 228 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*

53 **Mijona**
Pintado
Alt. 247 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*

RELIGIÃO E FESTA

- 54 **S. Pedro**
Pintado
Alt. 287 mm
Mistério: Agostinho Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 55 **S. Pedro**
Pintado
Alt. 368 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 56 **S. Pedro**
Sem cobertura
Alt. 370 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 57 **S. Pedro**
Vidrado
Alt. 181 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 58 **Santo Ant3nio**
Pintado
Alt. 308 mm
Mistério: Agostinho Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 59 **Santo Ant3nio**
Vidrado
Alt. 265 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 60 **Santo Ant3nio**
Vidrado
Alt. 183 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*

- 61 **S. João**
Pintado
Alt. 298 mm
Mistério: Agostinho Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 62 **Cristo com ladrão**
Vidrado
Alt. 352 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 63 **Cristo**
Sem cobertura
Alt. 295 mm
Ágata / Sem marca
- 64 **Cristo**
Vidrado
Alt. 255 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 65 **Cristo**
Pintado
Alt. 231 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 66 **Santo**
Sem cobertura
Alt. 197 mm
Júlia Cota / Sem marca
- 67 **Santo**
Sem cobertura
Alt. 188 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 68 **Santo**
Sem cobertura
Alt. 205 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 69 **Adão e Eva**
Pintado
Alt. 225 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 70 **Alminhas**
Sem cobertura
Alt. 199 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*

- 71 **Alminhas**
Pintado
Alt. 206 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 72 **Alminhas**
Pintado
Alt. 377 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 73 **Alminhas**
Pintado
Alt. 323 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 74 **Ceia**
Pintado
Comp. 446 mm
Mistério: Agostinho Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 75 **Ceia**
Pintado
Comp. 316 mm
Maria Sineta: Maria Ernestina Fernandes da Rocha / Marca:
MARIA SINETA
- 76 **Ceia**
Vidrado
Comp. 402 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 77 **Presépio de varas**
Pintado
Alt. 343 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 78 **Presépio** (3 figuras)
Sem cobertura
Alt. 50 mm; 118 mm; 123 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 79 **Diabo**
Pintado
Alt. 322 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*

- 80 **Diabo**
Pintado
Alt. 129 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 81 **Diabo**
Pintado
Alt. 130 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 82 **Diabo**
Pintado
Alt. 129 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 83 **Diaba de busto**
Pintado
Alt. 207 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 84 **Procissão** (50 figuras)
Pintado
Alt. entre 107 mm e 272 mm
Mistério / Marca: *M.*
- 85 **Par**
Vidrado
Alt. 250 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 86 **Noivos**
Pintado
Alt. 231 mm
Ana Baraça: Carlos Nogueira Gonçalves / Marca: *ANA BARAÇA*
- 87 **Noivos**
Pintado
Alt. 182 mm
Ana Baraça: Carlos Nogueira Gonçalves / Marca: *ANA BARAÇA*
- 88 **Dança**
Pintado
Diâm. 215 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 89 **Carrocel**
Pintado
Alt. 295 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*

- 90 **Banda no palanque** (12 figuras)
Pintado
Comp. 311 mm
Ana Baraça: Fernando Gonçalves Pereira / Marca: *ANA BARAÇA*
- 91 **Gigantona**
Pintado
Alt. 399 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 92 **Gigantona**
Pintado
Alt. 402 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 93 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 458 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 94 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 479 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 95 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 226 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 96 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 221 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 97 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 214 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 98 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 226 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 99 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 228 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*

- 100 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 226 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 101 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 218 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 102 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 227 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 103 **Cabeçudo**
Pintado
Alt. 212 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 104 **Gaiteiro**
Pintado
Alt. 168 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 105 **Gaiteiro**
Pintado
Alt. 182 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 106 **Gaiteiro**
Pintado
Alt. 173 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 107 **Tocadora de viola**
Pintado
Alt. 140 mm
Sem marca

BESTIÁRIO

- 108 **Galo**
Pintado
Alt. 510 mm
Júlia Cota / Marca: *J. C*
- 109 **Galo**
Pintado
Alt. 263 mm
Maria Sineta / Marca: *M. SINETA*
- 110 **Galo**
Pintado
Alt. 510 mm
Júlia Cota / Marca: *J. C*
- 111 **Galo de flores**
Pintado
Alt. 170 mm
Mistério / Marca: *MISTERIO*
- 112 **Galo a galar**
Pintado
Alt. 126 mm
Mistério / Marca: *M.*
- 113 **Choca**
Pintado
Diâm. 127 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 114 **Choca com pintos**
Pintado
Alt. 137 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*

- 115 **Choca-pombal**
Pintado
Diâm. 203 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 116 **Pombal**
Pintado
Alt. 417 mm
Júlia Cota / Marca: *Ʒ. C*
- 117 **Pombal**
Pintado
Alt. 322 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 118 **Pombal**
Pintado
Alt. 185 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*
- 119 **Pomba**
Pintado
Alt. 132 mm
Mistério / Marca: *M.*
- 120 **Papagaio**
Pintado
Alt. 146 mm
Mistério / Marca: *M.*
- 121 **Junta**
Pintado
Alt. 153 mm
Ana Baraça / Marca: *ANA BARAÇA*
- 122 **Junta**
Pintado
Alt. 213 mm
Júlia Cota / Marca: *Ʒ C*
- 123 **Porco**
Pintado
Alt. 169 mm
Júlia Cota / Marca: *Ʒ C*
- 124 **Porco**
Pintado
Alt. 167 mm
Júlia Cota / Marca: *Ʒ C*

- 125 **Porco**
Vidrado
Alt. 73 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 126 **Cabra**
Vidrado
Alt. 192 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 127 **Ouriço**
Pintado
Alt. 97 mm
Ana Baraça / Marca: *A. B.*
- 128 **Ouriço**
Sem cobertura
Alt. 64 mm
Mistério: Agostinho Esteves Lima / Sem marca
- 129 **Ouriço**
Vidrado
Alt. 131 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 130 **Carrocho**
Vidrado
Alt. 174 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 131 **Pássaro**
Vidrado
Alt. 352 mm
Júlia Ramalho / Marca: *JULIA RAMALHO 1984*
- 132 **Aquário**
Vidrado
Alt. 359 mm
Júlia Ramalho / Sem marca
- 133 **Medusa**
Vidrado
Alt. 244 mm
Júlia Ramalho / Sem marca
- 134 **Matrafona ou parteira**
Pintado
Alt. 242 mm
Mistério / Marca: *MISTÉRIO*

- 135 **Menina de ramo**
Pintado
Alt. 171 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 136 **Menina de ramo**
Pintado
Alt. 166 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 137 **Menina de ramo**
Sem cobertura
Alt. 176 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 138 **Bicho feroz**
Vidrado
Alt. 176 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 139 **Músico com serpente**
Pintado
Alt. 243 mm
Júlia Cota / Marca: *ƒ C*
- 140 **Lobo a tocar rabecão**
Vidrado
Alt. 235 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*
- 141 **Boi a tocar gaita de foles**
Vidrado
Alt. 237 mm
Júlia Ramalho / Marca: *ƒ R*

FIGURAS DIVERSAS

- 142 **Milagre das rosas**
Vidrado
Alt. 254 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 143 **Casal de príncipes**
Pintado
Alt. 186 mm
Mistério: Manuel Joaquim Esteves Lima / Marca: *MISTÉRIO*
- 144 **Cabeçudo de pé de galo**
Pintado
Alt. 219 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 145 **Cabeçudo de pé de galo**
Pintado
Alt. 179 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 146 **Menina de ramo**
Pintado
Alt. 223 mm
Júlia Cota / Marca: *J C*
- 147 **Figura**
Vidrado
Alt. 179 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 148 **Figura**
Vidrado
Alt. 196 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*

- 149 **Figura**
Vidrado
Alt. 257 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 150 **Figura**
Vidrado
Alt. 273 mm
Júlia Ramalho / Marca: *J R*
- 151 **Cavaleiro**
Vidrado
Alt. 513 mm
Júlia Ramalho / Sem marca
- 152 **Gentleman**
Sem cobertura
Alt. 262 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 153 **Senhora do gentleman**
Sem cobertura
Alt. 224 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 154 **General**
Sem cobertura
Alt. 236 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 155 **Senhora do general**
Sem cobertura
Alt. 211 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 156 **Frade**
Sem cobertura
Alt. 229 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*
- 157 **Alentejano**
Sem cobertura
Alt. 258 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*

158 **Senhora do alentejano**

Sem cobertura

Alt. 226 mm

Âgata / Marca: *ÂGATA*

159 **Senhora do aviador**

Sem cobertura

Alt. 231 mm

Âgata / Marca: *ÂGATA*

XADREZ

- 160 **Jogo de xadrez** (32 figuras)
Sem cobertura
Alt. entre 191 mm e 282 mm
Ágata / Marca: *ÁGATA*

ÍNDICE

<i>Das feiras para artesanato ao figurado de Barcelos</i>	5
<i>Barristas</i>	13
<i>Catálogo.</i>	27

biblioteca
municipal
barcelos



59925

Figurado de Barcelos